

## **Testes Psicológicos, uma análise dos determinantes no conceito da Deficiência Mental.**

*Psychological tests, an analysis of the determinative ones in the concept of the Mental Deficiency.*

**César Antonio Franco Marinho**

Mestre em Pediatria pela Faculdade de Medicina – UNESP e professor na FAI

**Adriana Bortolo de Araújo**

Pedagoga. Aluna do Curso de Habilitação em Deficiência Mental -FAI

**Valquiria Peres Sevinhani Baraldi**

Pedagoga. Aluna do Curso de Habilitação em Deficiência Mental -FAI

**Lucimara Sampaio Ramos**

Pedagoga. Aluna do Curso de Habilitação em Deficiência Mental -FAI

### **Resumo**

Deficiência mental está presente em aproximadamente 2-3% da população; psicólogos são chamados frequentemente para avaliar crianças com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, baixo rendimento escolar ou suspeita de deficiência mental. Esta pesquisa teve como objetivo analisar vinte testes psicológicos de modo aleatório de escolas públicas e privadas dos municípios de Lucélia, Tupã e Dracena, de classes especiais, a faixa etária variou de 6 a 14 anos, com predomínio do sexo masculino, na razão 4,5H :1,0M. Questionamos nos laudos psicológicos avaliados, parâmetros únicos, como o quociente de inteligência, déficit de apenas uma função do comportamento adaptativo como fator determinante do conceito da deficiência mental, equivocados com o conceito de deficiência mental proposto pela AAMR. Concluimos que o equivoco, pode estar na falta de informação, no que diz respeito ao uso dos testes com conhecimento por parte dos psicólogos e o conceito da deficiência mental proposto pela AAMR e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV, ressaltamos também como determinante o custo dos testes, portanto são encontrados em poucas instituições.

### **Palavras-chave**

Deficiência mental – determinantes - testes psicológicos

### **Abstract**

Mental deficiency is present in approximately 2-3% of the population, psychologists is called frequently to evaluate children with delay in the neuropsychomotor development, low pertaining to school income or suspicion of mental deficiency. This research had as objective to analyze twenty psychological tests in random way of schools you publish and private of the cities of Lucélia, Tupã and Dracena, of classrooms special, the etária band varied of 6 the 14 years, with predominance of the masculine sex, in the reason 4,5H:1,0M. We question in the evaluated, only parameters, as the quotient of intelligence, deficit of only one function of the adaptative behavior as determinative factor of the concept of the mental deficiency, maken a mistake psychological findings with the concept of mental deficiency considered by the AAMR. We conclude that I make a mistake it, can be in the information lack, in that it says respect to the use of the tests with knowledge on the part of the psychologists and the concept of the mental deficiency considered by the AAMR and Disgnostic and Statistical Manual of Mental Upheavals - DSM-IV, we also stand out as determinative the cost of the tests, therefore they are found in few institutions.

### **Key-words**

mental deficiency – determinative - psychological tests

## Introdução

O retardo mental é um dos transtornos neuropsiquiátricos mais comuns em crianças e adolescentes. A taxa de prevalência tradicionalmente citada é de 1% da população jovem (CROEN, 2001), porém alguns autores mencionam taxas de 2 a 3% (KABRA, 2003), e há estimativas de até 10% (BATTAGLIA, 2003). Há um consenso geral de que o RM é mais comum no sexo masculino, um achado atribuído às numerosas mutações dos genes encontrados no cromossomo X (PETERSON, 2003). A razão entre os sexos masculino e feminino é de 1,3 a 1,9 para 1 (KABRA, 2003). As crianças acometidas muitas vezes apresentam-se com queixa de atraso na fala/linguagem, alteração do comportamento, ou baixo rendimento escolar.

A conceituação da deficiência mental adotada em diferentes países do mundo e no Brasil é a da Associação Americana de Retardo Mental (AAMR, 1992) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, 1994), a característica essencial da deficiência mental é um funcionamento intelectual inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas áreas de habilidades: comunicação, auto-cuidados, vida doméstica, habilidades sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, auto-suficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança. O início deve ocorrer antes dos 18 anos.

A Deficiência Mental (DM), possui etiologias diferentes e pode ser visto como uma via final comum de vários processos patológicos que afetam o funcionamento do sistema nervoso central. O funcionamento intelectual geral é demonstrado pelo quociente de inteligência (QI) obtido mediante avaliação com um ou mais testes de inteligência, padronizados de administração individual como Escalas Wechsler de Inteligência para Crianças – Revisada, Stanford-Binet (WECHSLER, 1997).

Um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média é demonstrado com um quociente de inteligência (QI) igual ou menor que 70. O QI normal é considerado acima de 85, e os indivíduos com um escore de 71 a 84 são descritos como tendo função intelectual limítrofe.

## Os Testes Psicológicos

Em 1900, autoridades educacionais francesas, diante do quadro do insucesso escolar de algumas crianças e querendo descobrir as suas causas, solicitam o psicólogo Alfred Binet, para realizar uma pesquisa que pudesse explicar as dificuldades escolares. Alfred Binet, com a ajuda de Simon, determinou enfrentar cientificamente o problema (TELES, 1990).

Em 1905, Binet e Simon, publicaram o primeiro teste de inteligência, que tinham como propósito específico identificar crianças retardadas, assim como na atualidade, o objetivo fundamental do teste de inteligência é prever o sucesso escolar.

Os primeiros testes foram elaborados com um conjunto de problemas dispostos por ordem de dificuldade, porém, após a sua primeira revisão, em 1908, foi alterado para um conjunto de problemas para cada uma das séries de idades. A seleção dos itens a serem avaliados nos testes de inteligência foi influenciada por Binet e Simon, que acreditavam que a inteligência era basicamente julgamento:

*“Parece-nos que na inteligência há uma faculdade fundamental. Esta faculdade é o julgamento, também chamado bom-senso prático, iniciativa, a faculdade de adaptar-se às circunstâncias. Julgar, compreender e raciocinar bem; estas são as atividades essenciais da inteligência (Binet e Simon, 1916) “*

Após ser levado para os Estados Unidos, o teste de Binet-Simon foi revisto por pesquisadores e, a melhor revisão e mais conhecida denomina-se Stanford -Binet, estes testes visavam sobremaneira as habilidades verbais.

Wechsler (1999), um dos pesquisadores, inclui testes de desempenho aos testes de Stanford-Binet, de forma que eles pudessem mensurar as competências lógicas, matemáticas e linguísticas (BEE, 1977). Os testes psicológicos utilizados até hoje, tem como objetivo mensurar o grau de inteligência de uma pessoa como forma de separar os ditos normais dos deficientes, ou seja, rotular aqueles que não se adequar aos padrões estabelecidos pelos testes. Os testes utilizados para mensurar o grau de habilidades e competências de um indivíduo, baseiam-se em parâmetros que norteiam o comprometimento mental da pessoa.

A avaliação psicológica é uma atividade profis

sional bastante questionada e controvertida na Psicologia. A avaliação não teve um início que lhe conferisse simpatia: começou com a rotulação dos doentes e deficientes mentais e foi muito criticada por seus métodos psicofísicos e pela pouca precisão científica de seus resultados (ANASTASI & URBINA, 2000; ANCONA-LOPEZ, 1987). Durante muitos anos esta prática sofreu as conseqüências de seu desenvolvimento conturbado; mas, encontra-se hoje em um momento de modificação. A avaliação continua a ser questionada e é natural que o seja; tal questionamento verifica-se em todas as áreas do conhecimento, sendo útil e necessário.

Muitos são os estudos e as pesquisas que geram discussões a respeito da Avaliação Psicológica. Azevedo, Almeida, Pasquali e Veiga (1996) apontam que o baixo teor científico dos instrumentos padronizados vem sendo veementemente denunciado.

Esses autores discutem que o fato de estudos na área estarem sendo realizados revela uma melhor reputação da investigação psicológica e do uso de instrumentos padronizados. Apontam também para os últimos estudos que partem do princípio de que a avaliação psicológica é indispensável, e procuram destacar a melhora da qualidade dos instrumentos padronizados.

Segundo Wechsler (1999), o Brasil encontra-se na retomada dos estudos sobre Avaliação Psicológica. Para ela, nos últimos quinze anos, a avaliação psicológica sofreu um descrédito, em que os testes passaram a ser criticados por não serem adequados à realidade brasileira.

Dentre os principais problemas apresentados pelos testes psicológicos, os autores destacam: definição pouco simples do que o instrumento mede, ou seja, a complexidade do pressuposto teórico que subsidia a construção do instrumento (SACUZZO & JOHNSON, 1995); dificuldade encontrada na habilidade do psicólogo para compreender os dados e para fazer relações entre os diversos resultados encontrados, através dos próprios testes ou de qualquer outra técnica utilizada (BRUNO, 1995).

Os testes de inteligência geral e aptidões específicas foram utilizados na classificação, seleção e planejamento escolar, tanto nas escolas de primeira classe quanto em Universidades. Contudo, a partir da primeira Grande Guerra Mundial foram destinados a todas as áreas do serviço militar, sendo aplicado

sem ambos os sexos. Vale destacar que, os resultados obtidos nos testes eram, e são, apenas uma fonte de informação importante e facilitadora, por exemplos: para determinar e analisar as aptidões ou dimensões intelectuais de um indivíduo, com objetivo de auxiliar a orientação vocacional e educacional no que se refere às habilidades intelectivas ou não de alunos que se destacam como superdotados, ou, como diagnóstico diferencial de crianças especiais.

Por mais que seja valorizada uma exatidão atribuída à medida dos testes, haverá sempre uma limitação ao desejar ampliar a compreensão dos fatos testados.

Portanto quando se quer medir constructos hipotéticos não se mede objetos, mas abstrações de relações, pois quando medimos teoricamente um atributo empírico - comportamento - implicitamente medimos a estruturada psíquica humana. (PASQUALI, 1996; BIAGGIO, 1997). O teste psicológico, mais utilizados pelos psicólogos, é o WISC III - Escalas Wechsler de Inteligência para Crianças (WECHSLER, 1997), mais comumente utilizada para mensurar o quociente de inteligência.

## Material e Métodos

A pesquisa avaliou 20 testes psicológicos, de crianças na faixa etária de 6 a 14 anos, encaminhadas a instituições públicas e privadas, sendo estas escolas de ensino regular e APAEs respectivamente, com diagnóstico psicológico de deficiência mental. A avaliação da pesquisa foi realizada pela leitura dos testes psicológicos, onde se tabulou os determinantes do psicólogo para o diagnóstico de deficiência mental.

## Resultado

Foram analisados 20 testes psicológicos de crianças de 6 a 14 anos, de instituições públicas e privadas aleatoriamente, sendo sintetizados na tabela 01, onde são apontados os parâmetros relatados nos testes psicológicos e comparou-se com os determinantes de diagnóstico de deficiência mental proposto pela Associação Americana de Retardo Mental (AAMR, 1992) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, 1994).

**Tabela 01 - Testes Psicológicos**

<b>Instituição</b>	<b>Testes Psicológicos</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Funções adaptativas Comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais/ interpessoais, uso de recursos comunitários, auto- suficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer saúde e segurança.</b>	<b>Testes Psicológicos</b>
<b>Pública de Ensino de Lucélia</b>	01	12 anos	Masc.	Não há relato	Não há relato
	02	12 anos	Masc.	Déficit na comunicação	Não há relato
	03	14 anos	Masc.	Não há relato	Não há relato
	04	13 anos	Fem.	Não há relato	Não há relato
	05	11 anos	Masc.	Não há relato	Não há relato
	06	10 anos	Fem.	Não há relato	Não há relato
	07	12 anos	Masc.	Déficit na linguagem	Não há relato
	08	13 anos	Fem.	Déficit nas hab. acadêmicas	Não há relato
	09	12 anos	Masc.	Déficit nas hab. acadêmicas	Não há relato
	10	13 anos	Fem.	Déficit nas hab. acadêmicas	Não há relato
<b>Instituição Privada de Tupã</b>	11	12anos	Masc.	Déficit na comunicação	Não há relato
	12	11 anos	Fem.	Não há relato	Não há relato
<b>Instituição Privada de Lucélia</b>	13	06 anos	Fem.	Déficit nas habilidades de vida domestica	Não há relato
	14	13 anos	Fem.	Não há relato	Não há relato
	15	12 anos	Fem.	Não há relato	Não há relato
	16	14 anos	Masc.	Não há relato	Não há relato
	17	11 anos	Masc.	Déficit nas habilidades de vida domestica	Não há relato
	18	10 anos	Masc.	Déficit na comunicação	Não há relato
<b>Instituição Privada de Dracena</b>	19	14 anos	Masc.	Não há relato	Não há relato
	20	11 anos	Masc.	Déficit nas habilidades interpessoais e sociais	Wisc-III QI 87

### Discussão e Conclusão

A pesquisa revelou que dos 20 testes psicológicos analisados seja de instituições públicas ou privadas, há relato de apenas déficit de uma função do comprometimento adaptativo e em apenas uma avaliação psicológica houve citação de teste psicológico

para aferição do quociente de inteligência, com quociente de inteligência superior a 70. Com relação à idade todos apresentavam menores de dezoito anos. Parâmetros estes insatisfatórios para conceituar deficiência mental de acordo com o preconizado pela AAMR e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV. O atual modelo proposto pela AAMR, o Sistema 2002, consiste

bioecológica de deficiência mental, agregando sucessivas inovações e reflexões teóricas e empíricas em relação aos seus modelos anteriores. Apresenta a seguinte definição de retardo mental (expressão adota por seus proponentes):

*“Deficiência caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como expresso nas habilidades práticas, sociais e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade.” (LUCKAS-SON et al., 2002).*

Para que o diagnóstico se aplique, é necessário que as limitações intelectuais e adaptativas, identificadas pelos instrumentos de mensuração, sejam culturalmente significadas e qualificadas como deficitárias. Alguns parâmetros influenciam essa qualificação: (a) os padrões de referência do meio circundante, em relação ao que considera desempenho normal ou comportamento desviante; (b) a intensidade e a natureza das demandas sociais; (c) as características do grupo de referência, em relação ao qual a pessoa é avaliada; (d) a demarcação etária do considerado período de desenvolvimento, convencional e demarcada nos dezoito anos de idade. Os indicadores de atraso devem manifestar-se, portanto, na infância ou adolescência.

Para Weschsle (1999) o Brasil, nos últimos quinze anos sofreu um descrédito, sobre avaliação psicológica, por não serem adequados à realidade brasileira. Alguns autores destacam os principais problemas apresentados pelos testes psicológicos: definição pouco simples do que o instrumento mede, dificuldade encontrada na habilidade do psicólogo para compreender os dados e para fazer relações entre os diversos resultados encontrados.

Noronha (2004) realizou um estudo a respeito do uso dos testes em alguns países entre eles o Brasil, os problemas mais freqüentes nas práticas dos testes são: xerocar material de testes; usar testes inadequados para algumas situações não estar em sintonia com as modificações da área; avaliações incorretas; não usar folhas de respostas padronizadas; não ter clareza das limitações dos instrumentos; o alto custo dos testes, a língua inglesa, aplicação de testes por leigos. Relaciona também os problemas encontrados na formação profissional, com os problemas encontrados na utilização dos testes psicológicos. A formação de um psicólogo em cinco anos, não é suficiente para aprimorá-lo em todas as áreas de conhecimento, por esse motivo há necessidade de

continuar os estudos na área após a graduação.

A área de avaliação psicológica vem se reestruturando nas últimas décadas no Brasil e não são poucos os fatos que comprovam isto: a criação de laboratórios de testes psicológicos em várias universidades brasileiras, o aumento do número de instrumentos psicológicos, a maior demanda de trabalhos sobre avaliação em eventos nacionais, ou ainda a realização de eventos específicos da área.

O crescimento é necessário e esperado por profissionais da área. Assim como vem sendo aguardada a excelência da qualidade do material, da documentação, dos itens, da padronização, dos estudos de validade e de precisão de testes psicológicos, pois eles (testes) estão associados a uma categoria profissional, que muitas vezes negligencia seus instrumentos e outras vezes, não é bem representada por eles.

É certo que este estudo não atendeu todas as necessidades de pesquisa na área, porque este não era seu objetivo, mas sim refletir que nós como educadores mediante os conhecimentos devemos realizar a integração entre ciência e prática profissional e através do conhecimento questionar alguns testes psicológicos e de não “rotularmos” nossas crianças como deficientes mentais sem os parâmetros necessários para o diagnóstico preconizado pela Associação Americana de Retardo Mental (AAMR, 1992) e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV, 1994), pois num século de inclusão da deficiência mental, lutar a favor da inclusão deve ser responsabilidade de cada um e de todos coletivamente e que crianças não deficientes mentais podem estar excluídas de seu espaço atendendo às exigências de uma sociedade que não admite preconceitos, discriminação, barreiras sociais, culturais ou pessoais.

## Referências

AAMR. **American Association on Mental Retardation**. Mental retardation: definition, classification, and systems of supports. Washington, DC, USA: AAMR, 1992.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4 ed., Porto Alegre: ArtMed, 1994.

ALCHIERI, J. C.; CRUZ, R. M. **Avaliação Psicológica: Conceito, Métodos e Instrumentos**.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ANASTASI, A. S. URBINA, S. **Fundamentos da Testagem Psicológica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ANCONA - LOPEZ, M (Org). **Avaliação da Inteligência.** São Paulo: E.P.U, 1987.

AZEVEDO, M. M.; ALMEIDA, L.S.; PASQUALI, L.; VEIGA, H.S. **Utilização dos testes psicológicos no Brasil:** Dados de estudo preliminar em Brasília, 1996.

BATATAGLIA, A.; CAREY, J.C. Diagnostic evaluation of developmental delay/mental retardation: an overview. **Am J Med Genet.** , 117C:3-14, 2003.

BATTAGLIA, A. Genetics of mental retardation. **Am J Med Genet.**, 117C:1-2, 2003.

BIAGGIO, A. Kohlberg e a comunidade justa: Desenvolvendo o senso ético e a cidadania na escola. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 10: 47-69, 1997.

BINET, A.; SIMON, T.H. **The development of intelligence in the children** (The Binet-Simon Scale). Traduzido (KITE, S.E.) de artigos in L' Année Psychologique de 1905, 1908, 1909 e 1910. Baltimore: Willians and Wilkins, 1916.

BRUNO, M. L. (1995). **Utilização de testes em orientação vocacional.** Boletim de psicologia, 1995.

CRUZ, R. M.; ALCHIERI, J. C.; SARDA JR., J. J. **Avaliação e Medidas Psicológicas: Produção do Conhecimento e da Intervenção Profissional.** Casa do Psicólogo: São Paulo, 2002.

CROEN, L.A, ET AL,. The epidemiology of mental retardation of unknown cause. **Pediatrics.**, 107(6):86, 2001.

KABRA, M, GULATI, S. Mental retardation. **Indian J Pediatr.**, 70(2):153-8, 2003.

LUCKASSON, R.; COULTER, D.L.; POLLOWAY, E.A.; REISS, S.; SCHALOCK, R.L.; SNELL, M.E.; SPITALNIK, D.M.; STARK, J.A. **Mental retardation: Definition, classification, and systems of supports.** 9. ed. Washington, DC: American Association on Mental Retardation, p.8, 2002.

PASQUALI, L. **Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento.** Brasília: INEP, 1996.

PATTERSON, M.C.; ZOGHBI, H.Y. Mental retardation. X marks the spot. **Neurology**, 61:156-7, 2003.

SACUZZO, D. P. S; JOHNSON, N. E. Traditional psychometric tests and proportionate representation: An intervention and program evolution study. **Psychological Assessment.**, 7(2): 183-94, 1995.

LOPES, W.M.G. Técnicas de Exame Psicológico: Novas Perspectivas. **Revista Psique.** Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 8(12): 12-9, 1998.

NORONHA, A. P. P.; PRIMI, R.; ALCHIERI, J. C. Parâmetros Psicométricos: uma análise de Testes Psicológicos comercializados no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 24(4): 88-99, 2004.

TELES, A. X. **Psicologia Moderna.** 27 ed., São Paulo: Ática, 1990.

WESCHSLER, S. M. Guia de procedimentos éticos para a avaliação psicológica. In. WECHSLER, S.M.; GUZZO, S.R.S.L. (Org). **Avaliação psicológica: Perspectiva internacional.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.